



# Apresentação: dossiê Sociologia(s) do Trabalho

## Presentation: dossier Sociologies of Work

Felipe Rangel<sup>a</sup>; Daniela Oliveira<sup>b</sup>

Como o próprio título indica, esse dossiê não é composto por textos que dialogam diretamente entre si, nem partem dos mesmos pressupostos ou compartilham perspectivas teóricas ou metodológicas, necessariamente. Mas a despeito das diferentes grades analíticas em que os autores operam, há uma pertinência para o agrupamento desses artigos em um mesmo número. A ligação entre cada um desses textos não será encontrada nos pontos de partida nem nas conclusões a que chegam. Antes, o aspecto comum a todos eles está no objetivo, naquilo que motiva o esforço reflexivo, por assim dizer. Todos eles representam tentativas de compreensão do mundo do trabalho contemporâneo. São esforços intelectuais visando conferir inteligibilidade às contradições do atual momento do capitalismo, centradas na dimensão do trabalho e reconhecendo que esta ainda se constitui como uma entrada privilegiada para se compreender os processos sociais.

Diversas faces do trabalho contemporâneo estão presentes nos textos deste dossiê. Faces de um trabalho que para ser entendido exige a ressignificação de categorias analíticas ou explicativas, tais como os pares formal/informal, legal/ilegal, ou os conceitos de precarização, flexibilização, empreendedorismo, etc. Não, exatamente, porque estas categorias perderam seu valor explicativo, mas porque os imbricamentos entre economia, política e cultura tem refletido sobre as formas de sociabilidade, de vinculação ao trabalho e na constituição de novos sujeitos, formatando um novo tipo de trabalhador.

Assim, diante de um cenário de mudanças sociais em geral e no campo do trabalho em particular, resultantes dos processos de reestruturação político-econômica dos últimos 40 anos, desafios instigantes tem sido lançados à Sociologia do Trabalho. Os sentidos conferidos ao trabalho e que refletem sobre a vida social na contemporaneidade não são mais os mesmo do período anterior, marcado pela lógica do trabalho para a vida inteira, constituidor de identidades fixas, responsável pela segurança e estabilidade, características atribuídas ao curto período de ouro nos países capitalistas centrais. De todo modo, o mundo do trabalho que hora se impõe demanda um tipo de trabalhador muito mais flexível, móvel e “empreendedor”, ou seja, mais adequado à instabilidade e insegurança do contexto atual.

Nesse sentido, pouco nos ajuda na compreensão ou na construção da crítica política continuar preso a um jogo de referências características de outros tempos, outras sociabilidades. Mais pertinente nos parece buscar entender as tramas atuais do mundo do trabalho da maneira que elas se mostram nas realidades empíricas, relacionando mobilidades de todos os tipos, percepções individuais e coletivas contraditórias, fluxos nacionais e internacionais de capital e trabalho, discursos e ideologias concorrentes, assim como novas formas de coerção e consentimento, de controle e resistências.

<sup>a</sup> Doutorando, Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Membro do Grupo de Estudos Trabalho e Mobilidades - GETM, São Carlos, SP, Brasil. Contato: feliperangelm@gmail.com

<sup>b</sup> Doutoranda, Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Membro do Grupo de Estudos Trabalho e Mobilidades - GETM, São Carlos, SP, Brasil. Contato: danicso02@gmail.com

O artigo de Daniel Manzione Giavarotti traz uma análise que articula trabalho etnográfico com teoria social, buscando discutir as transformações nos modos de vida e trabalho no Jardim Ibirapuera, bairro da periferia de São Paulo. A partir do contraste entre gerações, Giavarotti recupera as relações contraditórias que constituem os processos de desenvolvimento deste bairro, escapando de uma análise linear dos processos. Seu artigo nos permite seguir problematizando categorias analíticas, caras para a sociologia do trabalho, como formal e informal e as modernas práticas de empreendedorismo; além de problematizar os imbricamentos entre consumo e trabalho, espaços de produção e de reprodução. Em síntese, transitando por processos de modernização, migração, urbanização, bem como discutindo os sentidos do trabalho assalariado e do autoemprego no Brasil, o autor problematiza o “fetiche da dignidade do trabalho”, sob a luz das contradições do capitalismo contemporâneo.

Saltando de uma discussão centrada no trabalho nas periferias brasileiras para a face mais moderna do atual momento do capitalismo, temos dois artigos que se debruçam sobre o setor de tecnologias informacionais – entendido aqui como um setor produtivo que abarca diversos tipos de empresas e agregam os segmentos de desenvolvimento de *software* e de *hardware*. Um dos textos é o de Thais Souza Lapa, cuja pesquisa é sobre a Indústria Eletrônica brasileira. A pesquisadora analisa, a partir dos processos de trabalho e da divisão sexual do trabalho, as condições laborais dessa atividade. Segmento produtivo que se apresenta majoritariamente constituído pelo trabalho feminino, identifica-se um misto de permanência e mudança em termos organizacionais, configurado na “persistência do trabalho industrial taylorizado combinado à inovações organizacionais em sentido ‘flexibilizante’”. Intensificação do trabalho e adoecimento das trabalhadoras são algumas das consequências de um modelo organizacional que combina fortes pressões para o atendimento às demandas do trabalho, com formas de controle que envolve uso das emoções, assédio moral, constrangimentos para a realização de intervalos de descanso. Muito além desse cenário, o paradoxo apontado pela autora, é de que o emprego nas eletroeletrônicas favorece uma condição de vida “dignificante” (com relativo avanço na autonomia econômica para trabalhadoras, que proporciona condições para cuidar da família e de si mesmas, buscar estudos e melhores posições dentro ou fora da fábrica). As constatações da pesquisadora nos leva a considerar a categoria precarização de maneira relacional, nos fazendo refletir sobre o grau de precariedade das experiências de trabalho anteriores, a ponto de que o trabalho atual possibilite identificar “ganhos”, mesmo sob as condições de execução descritas.

Outro texto que discute o setor de tecnologias informacionais é o artigo de Tatiele Pereira Souza, que analisa o discurso sobre carreira, trabalho e profissão no setor de TI, produzidos e reproduzidos em duas revistas voltadas para área. A partir da abordagem da análise do discurso, a autora analisa publicações de duas revistas de tecnologia de um período entre 1984-2004. Souza mostra como o discurso empresarial pautado em formas modernas de gestão da produção alicerçou o desenvolvimento de uma identidade fundamentada no “autoempreender-se”, na gestão de si, no gosto pela mudança. O artigo avança ao pontuar a transição do chamado setor de informática para o setor de tecnologia informacional e todos os significados que essa mudança carrega.

Também partindo de publicações de revistas comerciais para fins de análise, o artigo de Maria Vanesse Andrade e Alúcio Ferreira de Lima discute o contexto social brasileiro de mobilidade social das classes C e D. Recorrendo à publicação de uma revista voltada para esses segmentos, analisam o trabalho informal por meio da oferta de “dicas” sobre como ganhar dinheiro com boas ideias, em outras palavras, como ganhar dinheiro na informalidade. O chamariz da publicação recorre à ideia de interatividade, que pressupõem envolvimento dos leitores na construção de suas pautas. Assim, os autores destacam a estratégia editorial da revista, que é pautada em “histórias de pessoas anônimas estampando a capa e as matérias”.



---

Através dessas histórias veiculam casos de sucesso no campo produtivo é que Andrade e Lima problematizam a produção da informalidade.

A partir de uma perspectiva político-econômica gestada no governo Lula (2003 – 2008) o paradigma de desenvolvimento econômico e social chamado neodesenvolvimentismo é analisado por Fernanda Gomes Mattosa e Juliana Nuner Pereira. As autoras contextualizam o momento histórico em que esse modelo de desenvolvimento passa a pautar as ações políticas do governo Lula, as disputas entre os blocos de poder que davam sustentação ao governo. As autoras apontam o dilema vivenciado nesse contexto que é o aumento da formalização do trabalho – cercar de 20 milhões de emprego gerados – acompanhado do aumento de ações que ampliam a flexibilização.

O artigo de Cleiton F. Maciel Brito e Jeanne M. B. Moura Maciel se debruça sobre as relações entre as transformações socioeconômicas da China na segunda metade do século XX e o deslocamento de gerentes chineses para o Brasil, destacando o caráter globalizado da economia e a mobilidade característica do trabalho moderno. Buscaram, a partir de uma análise que correlaciona dimensões macro e micro, traçar as conexões entre a economia, as culturas e projetos nacionais de desenvolvimento e as trajetórias de trabalhadores chineses que migraram para trabalhar em fábricas chinesas instaladas na Zona Franca de Manaus, no Brasil.

A diversidade empírica e teórica desses textos revela o caráter complexo e, por vezes contraditório, do mundo do trabalho. Dependendo dos espaços de pesquisa, das escalas e das grades de análise, diferentes fenômenos saltam aos olhos e outras questões podem ser formuladas. Nesses esforços de pesquisa, o processo investigativo é tão importante quanto os resultados da análise, a formulação de novas questões é tão fundamental quanto a tentativa de explicar os fenômenos. E, nesse sentido, é ajudando a compor o mosaico das estruturas, práticas e percepções no capitalismo contemporâneo que as diversas sociologia(s) do trabalho nos auxiliam a compreender um pouco mais sobre a complexidade da vida social.